

CONSCIÊNCIA E FENÔMENO EM SARTRE: EM BUSCA DO SER TRANSFENOMENAL

CONSCIOUSNESS AND PHENOMENON IN SARTRE: IN SEARCH OF THE TRANSPHENOMENAL BEING

Renato Belo¹

Resumo: O presente artigo procura articular as noções de consciência e fenômeno no filósofo Jean-Paul Sartre, nome de destaque do existencialismo francês. A partir da herança da fenomenologia de Husserl, Sartre busca se posicionar sobre a controvérsia entre realistas e idealistas acerca da relação sujeito e objeto e o conseqüente problema do conhecimento. Às suas costas, Sartre tem as vertentes da filosofia transcendental (Kant e Husserl), que também se posicionaram sobre a querela. O artigo percorre textos do “jovem” Sartre e a “Introdução” de *O ser e o nada* a fim de recuperar a singularidade da solução sartreana para o problema do conhecimento. Argumento que essa questão se encontra desde os primeiros textos de Sartre e se confunde com a apropriação feita pelo filósofo da fenomenologia e, sobretudo, do conceito de intencionalidade da consciência, que ganha contornos existenciais. Em *O ser e o nada*, contudo, a questão sofre uma inflexão decisiva porque se apresenta em seus aspectos ontológicos, ou onto-fenomenológicos, o que aponta para a noção complementar de transfenomenalidade para caracterizar quer o ser da consciência, quer o ser do fenômeno. Tal empreitada exige compreender que toda consciência é relação com o mundo, é ser-no-mundo, o que parece extrapolar os limites originais da fenomenologia em sua relação de continuidade com a filosofia crítica. Proponho que Sartre redimensiona a questão em termos propriamente existenciais, irreduzíveis à esfera estrita do conhecimento. Para tanto, o filósofo procura uma síntese criativa oriunda da reelaboração da tradição transcendental, entre o projeto crítico e o projeto fenomenológico.

Palavras-chave: Sartre; consciência; fenômeno; intencionalidade; existência.

Abstract: This article seeks to articulate the notions of consciousness and phenomenon in the philosopher Jean-Paul Sartre, a prominent name in French existentialism. Based on the heritage of Husserl’s phenomenology, Sartre seeks to position himself on the controversy between realists and idealists about the subject-object relationship and the consequent problem of knowledge. At his back, Sartre has the strands of transcendental philosophy (Kant and Husserl), which also took a position on the quarrel. The article goes through texts by the young Sartre and the “Introduction” of *Being and Nothingness* in order to recover the uniqueness of the Sartrean solution to the problem of knowledge. I argue that this question has been present since Sartre’s first texts and is linked to the philosopher’s appropriation of phenomenology, and, above all, of the concept of intentionality of consciousness, which gains existential contours. In *Being and Nothingness*, however, the question undergoes a decisive inflection because it presents itself in its ontological, or onto-phenomenological aspects, which points to the complementary notion of the transphenomenality to characterize both the being of consciousness and the being of the phenomenon. Such an endeavor requires understanding that all

¹ Graduado, mestre, doutor e pós-doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Professor adjunto do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Lavras (UFLA). E-mail: renato.belo@ufla.br

RENATO BELO

consciousness is a relationship with the world, which seems to extrapolate the original limits of phenomenology of continuity with critical philosophy. I propose that Sartre redimensions the issue in properly existential terms, irreducible to the strict sphere of knowledge. To this end, the philosopher seeks a creative synthesis arising from the reelaboration of the transcendental tradition, between the critical project and the phenomenological project.

Keywords: Sartre; consciousness; phenomenon; intentionality; existence.

Introdução

Em 2023, contam-se passados exatos 80 anos desde a publicação de *O ser e o nada*, texto central de Jean-Paul Sartre e do próprio existencialismo. Nessa obra, e seguindo a esteira inaugurada por seus textos de juventude, o filósofo francês rearticula temas e problemas tradicionais da filosofia, promovendo, como indica Deleuze, uma verdadeira “renovação da filosofia” (DELEUZE, 2006, p. 109). Não à toa, aquele ensaio de ontologia fenomenológica, foi recebido com certa perplexidade e paixão. Decorrido o tempo da maturação, que já lhe permite ser lido como um “clássico”, sob “uma perspectiva diferente da de seus contemporâneos”, como observa Bento Prado Júnior (PRADO Jr., 1995, p. 15), o texto ainda oferece dificuldades (sua “Introdução” é particularmente árdua), mas também certo “ar fresco”, tal é a maneira como rearticulou temas da tradição. Nesse sentido, pretendo dar relevo à relação entre as noções de consciência e fenômeno conforme elas aparecem, especialmente, na “Introdução” de *O ser e o nada*, tendo como pano de fundo o ensaio *A transcendência do ego* e o breve texto *Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade*. Como veremos, Sartre procura promover o equilíbrio difícil, ao manejar esses conceitos, entre duas tradições da filosofia transcendental: a crítica (Kant) e a fenomenológica (Husserl).

O pano de fundo geral que permite a articulação entre consciência e fenômeno em Sartre é aquele da pretensão de superação das soluções realista e idealista no que concerne às questões do conhecimento e da apreensão da consciência em sua adequada dimensão, ela mesma irredutível à estrita esfera cognitiva. Sartre via na fenomenologia o acesso a uma nova concepção de consciência capaz de restabelecer a adequada mediação entre ela e o mundo, isto é, a síntese ser-no-mundo. Seus primeiros textos filosóficos irão, assim, progressivamente, aperfeiçoando essa ideia. Por outro lado, se se trata de ampliar o diapasão da consciência concebendo-a de maneira propriamente existencial, também a noção de fenômeno precisa ser reconsiderada. Se o *fenômeno de ser* é a maneira própria de

RENATO BELO

desvelamento do ser à consciência, convém demarcar que seu lastro é o *ser do fenômeno*, ele mesmo não redutível à mera condição fenomênica, portanto, não é, para além de sua dimensão fenomênica, da ordem do conhecimento, e isso não ocorre simplesmente por qualquer limitação de nosso aparelho subjetivo. Ao contrário, Sartre pretende que a noção contemporânea de fenômeno reabilite o conceito, frequentemente maculado pelos dualismos operatórios na tradição como aqueles entre “essência” e “aparência”, “ser” e “fenômeno”, concebidos ao modo de certo rebaixamento *do que aparece* porque indissociável da subjetividade. O fenômeno não mascara o ser, antes o desvela, o que não significa que o ser se reduza à condição do que se manifesta à consciência.

Ressaltemos o tema geral da superação da querela entre idealistas e realistas. Trata-se de uma designação um pouco ampla porque ela inclui, de certa forma, a solução kantiana ou uma versão duvidosa do neokantismo², e, de maneira um pouco surpreendente, inclui até mesmo Husserl e o reenvia para o fronte idealista³. As questões que orientam essa problemática podem ser, progressivamente, postas da seguinte forma: há uma saída para as concepções que transformam a consciência em coisa? Por outro lado, é possível conceber a consciência como um absoluto e, ao mesmo tempo, não introduzir nela o mundo inteiro a título de representação? Em princípio a noção de fenômeno e a concepção fenomenológica de consciência ofereceriam a chave para a solução do problema, mas é possível, pergunta-se Sartre, acompanhar Husserl nas “flutuações” de seu pensamento? Merleau-Ponty, que estudou os últimos escritos de Husserl e teve acesso a seus inéditos, comenta que as mudanças no pensamento do fenomenólogo alemão são prova de sua força filosófica. Tratar-se-ia de um filósofo que nunca se furtou a mudar de posição se convencido por suas investigações. Isto porque, para Husserl, segundo Merleau-Ponty, “a filosofia jamais será [...] um sistema, onde o filósofo alojaria resultados definitivos sem necessidade de serem reconsiderados conforme os progressos da experiência” (MERLEAU-PONTY, 1973, p. 24). Sartre, contudo, não verá com os mesmos olhos essas “mudanças” em Husserl. Apesar do entusiasmo que o filósofo demonstra ao se defrontar com a fenomenologia, a trajetória de Husserl, no entender de Sartre, revela um caminho para o idealismo, notado pelo que se considera uma regressão ou um afastamento das inspirações fenomenológicas.

O problema que apontamos encontra-se nos primeiros escritos de Sartre, elaborados na década de 1930 e culmina em *O ser e o nada*. Trata-se, os primeiros escritos, de textos que,

² Em *A transcendência do Ego*, Sartre apresenta vertentes do neokantismo que, equivocadamente, teriam tornado o “Eu penso” um acompanhamento de fato, e não apenas de direito, das representações.

³ Em *O ser e o nada*, Husserl é tomado como um idealista subjetivo.

RENATO BELO

em grande medida, abordam a ciência do psíquico, a psicologia, numa perspectiva fenomenológica. A intenção subjacente a esses textos é a elaboração de uma psicologia fenomenológica, projeto de todo abandonado, visto que cada vez mais se perceberá que as investigações fenomenológicas não poderiam se reduzir ao domínio da psicologia, mas necessitariam de uma inflexão ontológica. A questão, na perspectiva de Sartre, extrapola as discussões epistemológicas e mesmo de fundamentação da psicologia pela fenomenologia. Ao longo dos textos sartreanos vai ganhando destaque a exigência de compreensão da realidade humana, que culmina com a abordagem onto-fenomenológica que lhe dará o texto de 1943. Esses primeiros textos, contudo, não são dispensáveis, porque eles preparam as condições de possibilidade de uma compreensão totalizante da existência humana. Sua concepção madura de consciência, como procuraremos indicar, culmina numa controversa defesa da liberdade humana, cuja possibilidade primeira se assenta numa certa “limpeza do campo transcendental” e numa formulação diferenciada da relação entre essa mesma consciência e os fenômenos e as próprias coisas, progressivamente gestada desde os textos da década de 1930, todos eles ensaios de reelaboração da fenomenologia.

O encontro com a fenomenologia e a intencionalidade da consciência

Eu tomo como ponto de partida para descrever e comentar o encontro de Sartre com a fenomenologia uma situação um pouco anedótica narrada por Simone de Beauvoir em uma de suas *Memórias*. De acordo com Beauvoir (1984, p. 138), quem apresentou a fenomenologia a Sartre foi Raymond Aron. Eles estavam num café e Aron acabara de voltar da Alemanha e tomar contato com o pensamento de Husserl. Ele teria dito a Sartre que se ele queria falar das coisas, de um copo de cerveja, por exemplo, e que isso fosse filosofia, ele teria que estudar a fenomenologia alemã. Sartre teria “empaldecido de emoção” e visto naquelas poucas palavras a possibilidade de responder às suas inquietações filosóficas, que, como indicamos, passavam, já àquela altura, pela tentativa de superação do idealismo e do realismo (BEAUVOIR, 1984, p. 188). E foi bem o que aconteceu. Em 1933, Sartre dirige-se à Alemanha e, como bolsista do governo francês, passa nove meses naquele país estudando Husserl e Heidegger. O resultado mais imediato dessa situação peculiar foi a gestação e aparição, alguns meses depois, de um pequeno artigo intitulado: “*Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade*”. Estavam, já naquele breve ensaio, indicadas e delineadas as linhas gerais da noção mais significativa que Sartre restauraria do pensamento

RENATO BELO

de Husserl: a intencionalidade da consciência convertida já em sua dimensão propriamente existencial, o que se indica pela relação íntima e promíscua dela com o mundo. Pois, graças a essa noção de intencionalidade estamos liberados da “vida interior”, estamos “na estrada, na cidade, no meio da multidão, coisa entre as coisas, homem entre os homens” (SARTRE, 2005, p. 57).

Antes de abordarmos a importância desse conceito de intencionalidade da consciência para as preocupações sartreanas, precisemos um pouco melhor o caráter geral do problema que ocupou Sartre e que ganhou sua máxima expressividade nas páginas de *O ser o nada e*, particularmente em sua “Introdução”. Nessa mesma “Introdução” podemos ler:

Se o idealismo e o realismo fracassam na explicação das relações que unem de fato essas regiões incomunicáveis de direito [o Para-si e o Em-si, no jargão de Sartre, ou a consciência e o ser do fenômeno], que soluções podemos dar ao problema? E como o ser do fenômeno pode ser transfenomenal? Para tentar responder a essas perguntas, escrevemos essa obra. (SARTRE, 2015, p. 40).

Tal passagem indica a centralidade, para os propósitos de Sartre em 1943, em apresentar algum equacionamento da querela que opunha idealistas a realistas. Trata-se, contudo, de uma preocupação arqueologicamente assentada em seus textos de juventude. Voltemos, por um momento, ao pequeno artigo sobre a fenomenologia de Husserl, escrito em 1934.

O diagnóstico que Sartre pronuncia ali acerca da filosofia universitária francesa, o velho espiritualismo, não é muito elegante tampouco elogioso. Tratava-se de uma “filosofia alimentar”, um certo “espírito-aranha” que, em suas concepções acerca do conhecimento, lançava uma baba branca sobre as coisas e as deglutia. Conhecer era comer. Significava introduzir na consciência certos conteúdos. Donde as palavras fortes: “nutrição”, “assimilação”. As coisas conhecidas eram entendidas como coisas *na* consciência. Era uma filosofia da representação que figuras célebres no cenário francês como Lalande, Meyerson, Brunschvicg tinham a ensinar àqueles jovens ansiosos pelo concreto. Rumo ao concreto, dizia Jean Wahl, mas eles queriam mais, queriam partir do concreto absoluto, como dirá Sartre tempos depois em *Questões de método*. Mas uma revolução estava em curso. Era a fenomenologia de Husserl e seu conceito de intencionalidade que prometia pôr em novas bases as relações entre a consciência e o fenômeno, entre a consciência e as coisas. Desde já vale salientar a posição pouco comportada que Sartre assumiu em relação a Husserl. Embora por vezes se diga que ele é um discípulo do filósofo alemão, essa classificação precisa ser

RENATO BELO

nuançada porque sua apropriação da fenomenologia sempre foi, ao mesmo tempo, bastante ampla, seletiva e também crítica.

Sartre queria rejeitar duas soluções para o problema do conhecimento que estavam às suas costas: o idealismo e o realismo. Dito de maneira bastante esquemática e grosseira, o realismo preconizava o primado do objeto sobre a consciência, de maneira que o sujeito em sua relação com o objeto se vê subordinado às próprias coisas. Dessa forma, são as coisas o ponto de partida para o conhecimento. A perspectiva idealista, por sua vez, inverte essa relação ao partir das ideias e de sua conformidade com as coisas para estabelecer o conhecimento.

Mas Kant já não teria posto termo a essa querela que opunha realistas e idealistas? De fato Kant operou verdadeira revolução na forma até então concebida para a relação entre sujeito e objeto e ele o fez por via de uma redistribuição das contribuições quer do objeto quer do sujeito no processo de conhecer. Ele procurou equilibrar aquilo que pendia ora para o objeto ora para o sujeito conforme as concepções realista e idealista. Kant estabelece que o objeto é sempre relativo ao sujeito que o apreende com base em certas estruturas lógicas constitutivas do sujeito cognoscente. O resultado dessa revolução será, de um lado, a impossibilidade de apreensão das coisas nelas mesmas. Nós não sabemos e nem podemos saber o que as coisas são nelas mesmas. Por outro lado, esse objeto apreendido pelo sujeito cognoscente passa a ser um fenômeno, quer dizer, algo sempre relativo ao sujeito que conhece. O objeto sempre se dá a um sujeito que o apreende irremediavelmente a partir de certas estruturas lógicas da mente. Nada menos do que os elementos transcendentais e apriorísticos do sujeito cognoscente, que são a própria condição da experiência dos objetos do conhecimento. Dessa forma, Kant estabelece uma correlação entre o objeto e o sujeito que conhece. Não há que se falar, ao menos em termos de conhecimento, em objeto fora de sua relação com a subjetividade.

Embora Kant tenha tentado equilibrar a balança que opunha realistas e idealistas, na acepção de Husserl, esse esforço não foi inteiramente bem sucedido. Nessa tentativa, o sujeito teria obtido a primazia, de tal forma que o objeto acabaria por ser assimilado, incorporado pelo sujeito do conhecimento. O velho adágio husserliano do retorno às coisas mesmas procura justamente se contrapor a esse desequilíbrio. No processo de apreensão do objeto que está pressuposto na noção kantiana de fenômeno, Husserl indica que o fenômeno acabou sendo sacrificado. Para tentar reequilibrar essa relação Husserl lança mão da ideia de intencionalidade da consciência. “Toda consciência é consciência de”, um lema bastante

RENATO BELO

repetido por Sartre, e que nesse contexto indica a necessidade de preservação seja da consciência como orientada para algo, por princípio, fora de dela, seja para preservar essa verdade trivial ao senso comum de que as coisas, essa mesa, as árvores lá fora, são um ser do mundo, irreduzíveis à subjetividade⁴.

Esse tipo de re colocação da relação entre sujeito e objeto terá impacto decisivo no pensamento de Sartre. O primeiro passo para a filosofia deveria ser a “limpeza do campo transcendental”. A liberação do domínio da imanência de uma série de “conteúdos” que haviam sido introduzidos na consciência ao longo da tradição filosófica. É o que indicará Sartre na “Introdução” de *O ser e o nada*: “O primeiro passo de uma filosofia deve ser, portanto, expulsar as coisas da consciência e restabelecer a verdadeira relação entre esta e o mundo, a saber, a consciência como consciência posicional do mundo” (SARTRE, 2015, p. 22). Esses “conteúdos” carregavam o prejuízo de tornar a consciência opaca, de assemelhá-la a uma coisa. Todo esse trabalho havia se tornado possível graças à fenomenologia de Husserl. Não por acaso, assim, Husserl será o grande interlocutor nos trabalhos que precederão o *Ensaio de ontologia fenomenológica*. É certo que os elogios rasgados feitos a Husserl virão sempre acompanhados de censuras pontuais que fazem o leitor desconfiar que alguma subversão já se operava ou, ao menos, já se anunciava. Mas é se utilizando do arsenal fornecido pela fenomenologia que Sartre discutirá as teses que introduziam “conteúdos” na consciência. É o caso do *Ensaio sobre a transcendência do ego*, escrito em 1934 e que se colocava frontalmente contra a ideia de um ego habitante da consciência. O Ego está lá fora, no mundo, é um ser do mundo como as outras coisas, sentenciava Sartre, contra psicólogos e filósofos (SARTRE, 1994, p. 43).

Há certa conveniência em comentar brevemente esse *Ensaio* porque é nele que primeiramente se realiza o trabalho de “limpeza do campo transcendental”. Já nele Husserl é censurado porque teria reintroduzido um Eu na consciência a partir de *Ideias I* (1913) e revogado, assim, a sua ausência das *Investigações lógicas* (1900). Tratava-se, pensava Sartre, de um recurso desnecessário e inútil justamente para a fenomenologia que partia da ideia de intencionalidade da consciência (SARTRE, 1994, p. 48). Se “toda consciência é consciência de” isso significa que a correta correlação entre a consciência e as coisas é a sua separação de fato e de direito. A consciência é tão somente um movimento que se direciona às coisas, mas essas coisas estão, por princípio e irrevogavelmente, fora dela. Nada poderia ser introduzido na consciência sem que ela se desvanecesse como consciência e se tornasse coisa. Descartes,

⁴ Sartre prefere essa versão ainda não declaradamente idealista transcendental de Husserl, de acordo com o que ele mesmo depreende de *As investigações lógicas*.

RENATO BELO

assim, teria se confundido ao se referir à consciência e às coisas com a mesma designação de *res*: *res cogitans*, *res extensa*. Para Sartre, a consciência não é uma coisa e o absoluto que ela representa é não substancial. Ela não é uma substância cujos atributos seriam possuídos por ela, como a liberdade, por exemplo. Ela é toda inteira um movimento que intenciona o objeto e ela começa e se esgota nesse movimento. Nada poderia habitar a consciência sem que, imediatamente, ela se desfizesse como consciência. “O erro ontológico do racionalismo cartesiano foi não ver que, se o absoluto se define pela primazia da existência sobre a essência, não poderia ser substância” (SARTRE, 2015, p. 28).

Dessa forma, psicólogos e filósofos devem ser censurados e corrigidos. “Nós queremos mostrar aqui que o Ego não está na consciência nem formal nem materialmente: ele está fora, no mundo; é um ser do mundo, tal como o Ego de outrem” (SARTRE, 1994, p. 43). Estamos, assim, diante de duas perspectivas que afirmam a presença do Ego na consciência — ambas, no entender de Sartre, igualmente perniciosas para a filosofia.

A estratégia argumentativa de Sartre começa por pôr em questão a tese dos que afirmam a presença formal do Eu na consciência. Parte-se, para isso, da famosa frase kantiana: “O Eu Penso deve poder acompanhar todas as minhas representações” (KANT, 2010, p. 131). Segundo a interpretação que Sartre faz dessa máxima não se pode concluir dela, a não ser que forcemos o pensamento kantiano, que o “Eu Penso” acompanhe, de fato, todos os nossos “estados de consciência”, nem que ele realize a síntese da nossa experiência. Dito de outro modo, o problema crítico é de direito e não de fato. Contudo, há outra interpretação que pretende realizar aquilo que em Kant era apenas uma condição de possibilidade lógica. Seus representantes se localizam no neokantismo, no empiriocriticismo e no intelectualismo de Brochard. Essa concepção se perguntaria pela “consciência transcendental”, concebendo-a como um inconsciente; para tal interpretação, ainda, a consciência transcendental constituiria a consciência empírica. A reação de Sartre a essa “leitura forçada” do pensamento kantiano é imediata: Kant não se preocupou com o modo de constituição de fato da consciência empírica. Para ele, a consciência transcendental é apenas “o conjunto das condições necessárias para a existência de uma consciência empírica” (SARTRE, 1994, p. 44).

Da mesma forma recusa-se a introdução do Eu na consciência, o ego material, realizada pelos psicólogos. Nesse caso, o comprometimento viria de uma má compreensão acerca da consciência. Na perspectiva sartreana, essa teoria evidencia o erro essencial dos psicólogos, qual seja, o de confundir a estrutura da consciência irrefletida com a estrutura da consciência reflexiva. Há, no entender de Sartre, sempre duas maneiras de existência para a consciência: a

RENATO BELO

irrefletida e a reflexiva. Esse fato teria sido ignorado pelos psicólogos. Ao tentarem achar uma estrutura reflexiva em toda consciência irrefletida acabaram por supor essa estrutura reflexiva como um inconsciente. Portanto, é a confusão quanto à natureza mesma da consciência que estabelece o erro dos psicólogos, daí a crítica sartreana.

O sentido de uma intencionalidade da consciência é que ela será sempre consciência posicional do objeto (entendido como fenômeno porque totalmente indicativo de si, sem se remeter a uma verdadeira natureza escondida sob sua aparição) e também consciência não-posicional de si. Isto é, toda consciência é consciência tética de objeto e não-tética ou não posicional de si. Esse “de si” que acompanha a consciência geralmente conduz a erro porque se presume que ele indicaria a ideia de conhecimento. Mas não é disso que se trata. O “de si” indica apenas que uma operação é sempre possível, mas ela é condicionada por uma consciência irrefletida que tem primazia sobre a reflexão. Há um cogito pré-reflexivo que é a condição da reflexão. E é apenas na reflexão, essa operação segunda, que se vê surgir o Eu. O Eu é estrutura da consciência reflexiva e apenas por uma espécie de ilusão retrospectiva consideramos que ele já estava lá antes da reflexão.

O que extrair, então, do pequeno *Ensaio sobre a transcendência do ego*? Em primeiro lugar, a consciência é intencional, isto é, se define pelo movimento que realiza em direção a um objeto. Em segundo lugar, não há Eu no plano irrefletido da consciência, sendo a reflexão, onde de fato o Eu é constituído, dependente do primeiro nível de consciência. Terceira consequência: a concepção fenomenológica da consciência dispensa o papel de um Eu unificador, é a própria consciência que se unifica a si mesma – é no tempo que a consciência se unifica através de um “jogo de intencionalidades transversais” – além do que a presença de um Eu é supérflua e nociva, pois introduziria um centro de opacidade no interior do que é absoluta espontaneidade. Por último, a consciência irrefletida é consciência de objeto e consciência de si mesma de maneira não posicional. Donde a primeira conclusão de *A transcendência do Ego*:

A concepção do Ego que propomos parece-nos realizar a libertação do campo transcendental e, ao mesmo tempo, a sua purificação. O Campo transcendental, purificado de qualquer estrutura egológica, readquire a sua limpidez primeira. Num sentido, é um nada, visto que todos os objetos físicos, psicofísicos e psíquicos, todas as verdades, todos os valores estão fora dele. Mas este nada é tudo, visto que ele é consciência de todos esses objetos. (SARTRE, 1994, p. 77).

A ideia aqui é operar um trabalho de limpeza da consciência e restituí-la à sua condição de “consciência de”, como pretendia a fenomenologia. Donde os resultados daquele pequeno texto sobre a transcendência do Ego e que estarão em pleno vigor em *O ser e o nada*.

Consciência e fenômeno: o ser transfenomenal

Realizada essa tarefa, contudo, é chegado o momento em que a própria “ciência fundante” precisava ser inteiramente revista (MOUTINHO, 1995, p. 20). É desse ponto que parte a “Introdução” de *O ser e o nada* e sua abordagem da ideia de fenômeno. O pensamento moderno, entenda-se Husserl e Heidegger, indica Sartre, teria realizado progresso considerável ao reduzir o existente à série de aparições que o manifestam, mas esse objetivo havia sido realmente alcançado? (SARTRE, 2015, p. 15).

A estratégia sartreana se dá passando em revista as conquistas advindas da concepção de fenômeno. Com ela, vários dualismos que obstaculizavam a fenomenologia haviam sido aparentemente destituídos. Era assim que o dualismo que opunha o interior ao exterior na apreensão do existente perdia direito de cidadania na filosofia. Não havia mais realidade secreta da coisa. Não se concebia mais uma exterioridade que escondia e ofuscava a verdadeira natureza interior das coisas. Da mesma forma, o ser não se opõe a um aparecer. O ser do existente é exatamente aquilo que ele aparenta. Pensou-se que se poderia substituir, assim, uma série de dualismos pelo monismo do fenômeno. Sartre atribui esses ganhos da fenomenologia à ideia de fenômeno conforme concebida por Husserl, isto é, como um relativo-absoluto. Relativo porque é sempre necessário a quem aparecer e absoluto porque ele indica totalmente a si mesmo e a toda uma série de aparições, equivalentes entre si (SARTRE, 2015, p. 15-16).

Mas é sempre possível perguntar se o fenômeno de ser é equivalente ao ser do fenômeno. E em princípio assim pareceria, já que o fenômeno não esconde mais uma verdadeira realidade inacessível à consciência. Contudo, o fenômeno é expressão do ser, ele não é o próprio ser. Por princípio o ser escapa à sua condição fenomênica. E foi isso que Husserl não teria percebido e que marca o rompimento definitivo de Sartre com o fenomenólogo alemão. Husserl, ao realizar a redução fenomenológica, isto é, a colocação do mundo entre parênteses, teria considerado o noema (o objeto no seu modo de doação) como correlato irreal da noese (a consciência ou o *a priori* da correlação). Ao fazer isso, pensa Sartre, ele teria reduzido o ser à condição de ser percebido e recaído num idealismo subjetivo, de tipo berkeleyano. É claro que é sempre possível uma réplica e argumentar que Sartre não teria entendido justamente o princípio da filosofia transcendental. Ela mesma marcada por

RENATO BELO

uma atitude de ordem diferente daquela da atitude natural⁵. É o senso comum e a ciência que se dirigem ao mundo a fim de traduzi-lo, interpretá-lo, manipulá-lo. A filosofia, e essa é a marca da subjetividade transcendental, não disputa mais com a ciência uma explicação positiva a respeito do mundo. Tudo agora é subjetivo. Em regime de redução fenomenológica, há que se falar apenas do subjetivo e o noema é a expressão dessa reviravolta teórica. De forma que confundir essas duas atitudes e pretender que a consciência se relacionaria com o mundo à maneira da interioridade e da exterioridade só poderia ser um erro de principiante⁶. Sartre, contudo, parece discordar, e não por mero equívoco, desde suas primeiras leituras, dessa separação se ela redundar em idealismo.

De toda forma, essas considerações são suficientes para que entendamos a solução proposta por Sartre ao problema geral de que partimos, aquele da oposição entre realistas e idealistas. De certa maneira, o erro dessas tradições era razoável, uma vez que se partia de uma noção primordialmente de conhecimento para compreender a consciência e sua relação com as coisas ou os fenômenos. O “pulo do gato” de Sartre está em rejeitar essa suposição em seu princípio.

Assim, renunciando à primazia do conhecimento, descobrimos o ser do cognoscente e encontramos o absoluto, o mesmo absoluto que racionalistas do século XVII tinham definido e constituído logicamente como objeto de conhecimento. Mas exatamente por se tratar de absoluto de existência e não de conhecimento, escapa à famosa objeção de um absoluto conhecido não é mais absoluto por se tornar relativo ao conhecimento que dele se tem. (SARTRE, 2015, p. 28).

Se toda teoria do conhecimento pressupõe uma metafísica, e essa é a aposta de Sartre, é preciso escapar dessa primazia do conhecimento. A consciência é um absoluto de existência e não de essência, donde seu caráter não substancial. Acerca dela vale o inverso daquela prova ontológica operada por Anselmo e por Descartes: a existência precede e fundamenta a essência (SARTRE, 2015, p. 20). Daí a importância das objeções de Sartre seja à filosofia tradicional seja ao próprio Husserl. A refundação da fenomenologia não passaria, na verdade,

⁵ Embora Husserl tenha se esforçado em definir sua filosofia como oriunda da dupla orientação (natural e fenomenológica), Sartre parece pouco atento ou mesmo discordar dessa separação. Ao colocar Husserl sob a rubrica de “idealista subjetivo”, Sartre ameniza o fato de Husserl ter batizado a fenomenologia, a partir de *Ideias I*, como “idealismo transcendental”, o que seria fruto da redução fenomenológica e supunha uma concepção inteiramente nova de objeto como fenômeno (praticada apenas pelo filósofo), entendido agora como parte da consciência, mas que não se confunde com os objetos “puros e simples”, de que falam os cientistas e as pessoas em geral.

⁶ Sobre a diferença entre as noções noética e noemática de fenômeno em Husserl e a superação pela fenomenologia husserliana da tópica cartesiana que compreendia a subjetividade como interioridade e os objetos como exteriores à consciência, mas por ela representados, consultar o elucidativo texto de Carlos Alberto Ribeiro de Moura que apresenta a tradução brasileira de *Ideias I* (MOURA, 2006, p. 16-23).

RENATO BELO

de uma real fidelidade a seu projeto primeiro, à intuição primeira de Husserl e que despertou em Sartre as mais sinceras expectativas.

No entender de Sartre, o erro maior de Husserl e que precisa ser remendado era aquele de ter confundido o ser transfenomenal da consciência com o ser transfenomenal do fenômeno. Por ter acreditado no primado teórico do conhecimento não teria conseguido escapar da oposição entre realistas e idealistas. Assim, a fenomenologia teve um começo fulgurante e se revelava como a saída para determinados impasses, contudo, ela teria se perdido ao longo da trajetória intelectual de Husserl. O ser do fenômeno, indica Sartre, exige a transfenomenalidade do ser, apenas assim se escapa ao erro de introduzir as coisas na consciência e tornar o ser apenas fenômeno, isto é, coisa para a consciência. É preciso escapar da ilusão da primazia do conhecimento.

“As precedentes considerações presumem que o ser do fenômeno, embora coextensivo ao fenômeno, deve escapar à condição fenomênica – na qual alguma coisa só existe enquanto se revela – e que, em consequência, ultrapassa e fundamenta o conhecimento que dele se tem”. (SARTRE, 2015, p. 20).

Bem entendido. Não se trata de regredir a uma posição anterior àquela que foi estabelecida à fenomenologia acerca da relação entre a consciência e o fenômeno. Não se trata de assumir perspectiva dogmática e pré-crítica. A superação dos dualismos e a ideia de que o existente se mostra à consciência por suas aparições é e continua verdadeira. Mas trata-se de não operar com isso a absorção do existente, ou do ser, à condição de fenômeno, isto é, a de ter seu ser medido pela consciência. Ser consciência de é o modo de ser da consciência, contudo, o ser que lhe aparece é um extravasamento em relação ao conhecimento. Ele não pode ser medido pelo conhecimento.

A solução realista, ao preconizar a primazia do objeto sobre a consciência, impossibilitava a compreensão fenomenológica de consciência. Foi necessário um longo desenrolar na filosofia para que se chegasse à ideia de fenômeno como correlato de uma consciência que é, por princípio, “consciência de”. Contudo, superar verdadeiramente a questão não se resume a superar a solução realista. É preciso, ainda, romper com o idealismo que ronda a fenomenologia. A condição dessa superação parte de uma exigência simples: é preciso que o ser que aparece à consciência não exista somente enquanto aparece. Há um em si que não apenas escapa à condição fenomênica (não como númeno porque, do ponto de vista novo assumido por Sartre não há númeno rondando o fenômeno), mas que é a própria condição da intencionalidade da consciência. E não poderia ser de outro jeito, sem a

RENATO BELO

transfenomenalidade do ser do fenômeno, restaria ao ser a sua completa absorção pela consciência e a recaída no idealismo. Sem essa transfenomenalidade, a intencionalidade da consciência não seria a garantia de que há um mundo autônomo e independente do domínio da consciência, ela própria também transfenomenal. “A consciência não é um modo particular de conhecimento, chamado sentido interno ou conhecimento de si: é a dimensão de ser transfenomenal do sujeito” (SARTRE, 2015, p. 22).

Considerações finais

O resultado dessas considerações, já foi anunciado: ocuparão todo *O ser e o nada*. Contudo, vale a pena, ainda, uma última consideração sobre as duas regiões de ser a que a “Introdução” de *O ser e o nada* nos conduz. Trata-se da consciência como intencionalidade e o ser transfenomenal do fenômeno, doravante entendido com seus nomes técnicos: Para-si e Em-si. Quanto ao ser Em-si, que é a condição de todo fenômeno sem, contudo, recriar o dualismo entre o ser e o aparecer, Gerd Bornheim já havia notado, não sem certa frustração, que Sartre a dedica a ele pouquíssimas páginas na “Introdução” de *O ser e o nada* (BORNHEIM, 2000, p. 33-36). O Para-si, ao contrário, é essa consciência que Sartre identifica com a própria subjetividade humana. Ele é um absoluto de existência e não de essência, o que indica esse “para” do Para-si. Longe de ser a fórmula de uma postura reflexiva da consciência, ele indica uma distância do homem em relação a si mesmo. Ele indica o projeto que caracteriza a realidade humana e que jamais pode se realizar. Esse “si” não é jamais alcançado. Seu retorno à estabilidade do si mesmo, Em-si, só se dá na morte, mas à custa de se perder como consciência, o que é uma forma, por conseguinte, de ser perpetuamente instabilidade de ser.

Mas se esse domínio do Em-si, ao qual se dedicam tão poucas páginas, é “apenas” a condição de superação do idealismo, qual o ganho, para além dessa querela em operar com os elementos fundamentais da fenomenologia: consciência e fenômeno?

Talvez uma chave para a compreensão desse ponto esteja nessas pouquíssimas páginas que Sartre dedica ao Em-si em sua obra:

A consciência é revelação-revelada dos existentes, e estes comparecem a ela fundamentados pelo ser que lhes é próprio. Mas a característica do ser de um existente é não se revelar a si, em pessoa, à consciência: não se pode despojar um existente de seu ser; o ser é o fundamento sempre presente do existente, está nele em toda parte e em parte alguma; não existe ser que não seja ser de alguma maneira ou captado através dessa maneira de ser que o manifesta e encobre ao mesmo tempo.

RENATO BELO

Contudo, a consciência sempre pode ultrapassar o existente, não em direção a seu ser, mas ao sentido desse ser. Por isso podemos denominá-lo ôntico-ontológico, já que uma característica de sua transcendência é transcender o ôntico rumo ao ontológico. (SARTRE, 2015, p. 35).

“Ultrapassar o existente rumo ao sentido do ser”, “passagem do ôntico ao ontológico”. Essas observações talvez consideradas marginais porque, como se disse, em tão parcimoniosas páginas, contudo, é capaz de indicar o sentido de se recorrer a Husserl para revolucionar a filosofia e superar o realismo e o idealismo. Certamente Sartre, como também os demais “discípulos” de Husserl, como Heidegger e Merleau-Ponty não são continuadores da fenomenologia transcendental. Nesse ponto parece haver um divórcio entre mestre e discípulos. Por outro lado, se fala aqui num sentido do ser, numa de aparições que remetem ao existente. Aparições, fenômenos que são completamente indicativos de si. O que Sartre parece pretender aqui e que eu quero apenas indicar, porque extrapola nossos objetivos, é o benefício de se recusar um certo naturalismo presente nas concepções realistas. O existente como fenômeno é significativo, por ele pode-se ter uma compreensão significativa do ser. Pode-se falar agora, e isso faz toda diferença, em *sentido do ser*, característica própria e exclusiva da realidade humana, pois é dela, garante Sartre, que algo como um *sentido* vem ao mundo.

Em resumo, por essa difícil articulação entre consciência e fenômeno, sob o fundo da oposição entre realistas e idealistas, assim como as soluções crítico-fenomenológicas, Sartre parece querer autorizar novamente um projeto ontológico, onto-fenomenológico. Sabemos que a ontologia, no sentido em que a metafísica clássica determinou (o conhecimento do ser), fora interdita pelo empreendimento crítico de Kant. A determinação do fenômeno (o que a coisa é para mim/nós) limitou a atividade do sujeito cognoscente e declarou dogmático e impossível o projeto da metafísica racionalista. Edmund Husserl, ao anunciar a fenomenologia como idealismo transcendental, filia-se à esteira do projeto crítico. A redução fenomenológica, ao provocar uma filosofia da dupla orientação (natural e fenomenológica), entende também o objeto intencionado pela consciência como fenômeno. Também aqui trata-se de uma fenomenologia do conhecimento, uma crítica da razão, e não uma fenomenologia do ser, uma ontologia.

Sartre, contudo, como sabemos, evoca a noção de intencionalidade da consciência para determinar uma relação originária e promíscua entre consciência e mundo. A consciência é, doravante, ser-no-mundo, ela é encarnação. A redução fenomenológica aparece agora, ensina Merleau-Ponty, como uma espécie de tomada de distância, uma operação de abstração, sem a qual, não poderíamos sequer dizer o mundo, tamanha é a proximidade entre a consciência e

RENATO BELO

o mundo. Daí a redução nunca ser completa (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 10). Em Sartre, ainda, o fenômeno é a manifestação, para a consciência, do ser, mas exige, em contrapartida, a transfenomenalidade do ser, sua irreducibilidade ao conhecimento e à consciência. Abre-se, assim, uma nova oportunidade de se fazer ontologia, diferente daquela do projeto pré-crítico, é certo, mas ela mesma possibilitada pelo acesso da consciência ao ser, pelo fenômeno - donde se falar em uma ontologia fenomenológica.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. **A força da idade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BORNHEIM, Gerd. **Sartre: metafísica e existencialismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta: e outros textos**. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Ciências do homem e fenomenologia**. São Paulo: Saraiva, 1973
- _____. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. “Prefácio”. In: HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.
- MOUTINHO, Luiz Damon Santos. **Sartre: psicologia e fenomenologia**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- PRADO Jr., Bento. “Uma introdução a *O ser e o nada*”. In: MOUTINHO, Luiz Damon Santos. **Sartre: psicologia e fenomenologia**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SARTRE, Jean-Paul. **A transcendência do Ego**. Lisboa: Colibri, 1994.
- _____. “Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade”. In: SARTRE. **Situações 1**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- _____. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

Data de submissão: 06/05/2023

Data de aprovação: 30/05/2023